Análise do Filme E A VIDA CONTINUA (1993) sob a perspectiva da Didciplina de Imunologia Clínica

Autor(res)

Daniela Farias Cabral
Joana Darc. Moreira Da Silva
Heloisa Coutinho Oliveira
Caroliny Mendes
Vinícius Nascimento Da Silva
Bruno Marcos Da Silva Santana

Categoria do Trabalho

Trabalho Acadêmico

Instituição

CENTRO UNIVERSITÁRIO ANHANGUERA DE SÃO PAULO

Introdução

O filme E A VIDA CONTINUA relata a importância do vírus da AIDS nos anos 80, pesquisadores e médicos pesquisavam sobre um surto de mortes repentina em que quase todos os casos eram com homens que frequentavam saunas e tiveram vários parceiros sexuais.
No entanto, a doença ficou conhecida em primeiro lugar como “câncer gay”, ou “pneumonia gay”, mas também começaram a surgir casos com pessoas que não eram homossexuais e também em bebes, fazendo com que os pesquisadores chegassem à conclusão q era causada por um retrovírus, transmitido por relação sexual transfusão de sangue, compartilhamento de agulhas (drogas injetáveis), e transplante de órgãos.
Reunimos alguns artigos científicos com temas abordados no filme.

Roger Spottiswoode foi um dos primeiros cineastas a abordar, em sua obra, o início das investigações sobre o HIV (AIDS). Além de ter sido um precursor ao retratar os primeiros passos na identificação dessa doença de caráter epidemiológico, seu trabalho representou um marco importante para a conscientização e o enfrentamento de enfermidades infecciosas.

Objetivo

O presente trabalho tem como objetivo analisar, a partir da representação cinematográfica e de dados científicos, a trajetória da epidemia de HIV/AIDS, destacando desde os primeiros registros e as dificuldades iniciais de identificação do vírus até os avanços terapêuticos e preventivos atuais. Busca-se compreender não apenas os aspectos biomédicos da doença, mas também as implicações sociais e cul

Material e Métodos

A pesquisa desenvolveu-se por meio de abordagem qualitativa e caráter bibliográfico, fundamentada em revisão de literatura clássica e contemporânea sobre o HIV/AIDS, incluindo publicações científicas, documentos oficiais de

órgãos de saúde, legislações brasileiras e materiais audiovisuais, como o filme analisado. O método adotado consistiu em levantar, organizar e interpretar informações a partir de fontes primárias e secundárias, com o intuito de articular os dados biomédicos sobre o vírus e as formas de tratamento às dimensões sociais e culturais da epidemia. A análise buscou integrar a narrativa cinematográfica ao contexto histórico e científico, permitindo refletir sobre o desenvolvimento das estratégias de enfrentamento da AIDS e suas repercussões na sociedade contemporânea.

Resultados e Discussão

O filme inicia apresentando, em paralelo às pesquisas científicas, o contexto de epidemias na África, como a do Ebola, enfatizando a sensação de que algo ainda mais grave e inédito estava prestes a surgir. Naquele momento, não havia compreensão sobre a manifestação da nova doença, tampouco sobre o vírus causador, suas formas de transmissão ou possibilidades de tratamento. O que se sabia era apenas que se tratava de uma enfermidade desconhecida, de rápida disseminação e com alta taxa de mortalidade.

Os primeiros registros de casos identificados como AIDS surgiram entre 1977 e 1980, em diferentes regiões, como Estados Unidos, Haiti e África Central. A doença ganhou maior atenção em 1981, quando o Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) dos EUA divulgou um relatório sobre a morte de cinco homens jovens por pneumonia rara. No ano seguinte, consolidou-se a denominação Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS). O filme retrata os atores como funcionários do CDC, empenhados em investigar a nova enfermidade. A equipe de vigilância epidemiológica entrevistava pacientes diagnosticados, tentando identificar fatores comuns que pudessem explicar a origem da doença.

Em 1983, pesquisadores conseguiram isolar o vírus, confirmando a hipótese de se tratar de um agente infeccioso. Um dos primeiros casos relatados envolveu a transmissão de mãe para filho durante a gravidez, revelando a gravidade da situação. O longa destaca a urgência das investigações, que enfrentaram grandes dificuldades para isolar o HIV, atrasando a confirmação científica definitiva.

O vírus HIV compromete diretamente o sistema imunológico, atacando principalmente os linfócitos T-CD4+, células fundamentais na defesa do organismo. Com a destruição progressiva dessas células, o corpo perde a capacidade de combater infecções, abrindo espaço para doenças oportunistas. Enquanto a infecção pelo HIV representa a presença do vírus, a AIDS é o estágio mais avançado, caracterizado pelo surgimento de complicações graves decorrentes da imunossupressão.

A infecção pelo HIV gera um desequilíbrio entre a produção de espécies reativas de oxigênio e os mecanismos antioxidantes das células. Esse processo provoca estresse oxidativo, danificando a integridade das células imunes e comprometendo o metabolismo. Tais mecanismos estão intimamente relacionados à progressão da imunodeficiência, reforçando o papel central do estresse oxidativo na patogênese da AIDS.

Nos primeiros anos da epidemia não havia tratamento específico. O AZT (zidovudina) foi a primeira droga utilizada, com a capacidade de retardar a progressão da doença. Entretanto, seus efeitos colaterais eram severos, incluindo anemia, toxicidade hepática e danos à medula óssea. Apenas na década de 1990, com a introdução das terapias antirretrovirais combinadas, o tratamento foi revolucionado, oferecendo maior expectativa e qualidade de vida.

Hoje, estratégias de prevenção mais eficazes complementam o tratamento. A PrEP (Profilaxia Pré-Exposição) consiste na ingestão diária de medicamentos antirretrovirais, indicada para pessoas em risco contínuo de exposição, como parceiros de soropositivos, profissionais do sexo e usuários de drogas injetáveis. No Brasil, a PrEP passou a ser distribuída gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS) em 2017. Já a PEP (Profilaxia Pós-Exposição) é indicada em situações emergenciais, como violência sexual, acidentes ocupacionais ou relações desprotegidas. O tratamento deve ser iniciado, preferencialmente, nas primeiras duas horas após a exposição, com uso contínuo por 28 dias.

Apesar dos avanços biomédicos, o estigma em torno do HIV/AIDS permanece um dos maiores desafios. Pessoas vivendo com o vírus ainda enfrentam discriminação, exclusão social e até violência física. A Lei nº 12.984/2014, que criminaliza a discriminação contra portadores do HIV, representa um marco jurídico importante, mas o preconceito continua a afetar a vida de muitos indivíduos.

Conclusão

A trajetória da epidemia de HIV/AIDS, retratada tanto pela ciência quanto pela arte cinematográfica, evidencia o impacto profundo de uma doença que transformou paradigmas biomédicos, sociais e culturais em escala global. Do desconhecimento inicial à identificação do vírus, do uso limitado do AZT às terapias antirretrovirais combinadas e às estratégias preventivas como a PrEP e a PEP, observa-se um avanço significativo na capacidade de controlar a infecção e oferecer qualidade de vida às pessoas soropositivas. Contudo, apesar das conquistas científicas, a discriminação ainda persiste.

Referências

Anjo A. Justiça Vaillant; Ahmad Qurie. Última Atualização: 26 de junho de 2023. Disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK500027/

Boletim da Saúde, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 163-168, jul./dez. 2016

Carvalho, C. A., & Azevêdo, J. H. P. (2019). Do AZT à PrEP e à PEP: Aids, HIV, movimento LGBTI e jornalismo. RECIIS, 13(2). https://doi.org/10.29397/reciis.v13i2.1698

TREITINGER, Aricio. Alterações metabólicas e do sistema de defesa antioxidante no plasma e em células mononucleares decorrentes da infecção pelo vírus da imunodeficiência humana. 1996. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/9/9136/tde-10032015-110940/. Acesso em: 16 set. 2025.